

## Tito Lucrécio Caro segundo Agostinho da Silva

*Pinharanda Gomes\**

O destino de Tito Lucrécio Caro na literatura portuguesa tem sido irregular. O elenco de bibliografia clássica elaborado por Fidelino de Figueiredo<sup>1</sup> inventariou a mais antiga tradução, a de um Anónimo (por Fidelino identificado como sendo o latinista Manuel de Pina Cabral), intitulada *Lugares Selectos de Tito Lucrécio Caro, traduzidos em Portuguez* (Lx.<sup>a</sup>, Of. de José da Silva Nazaré, 1785). A tradução integral da principal obra de Lucrécio, a partir do original latino, apareceu em verso, com o título *A Natureza das Coisas. Poema de Tito Lucrécio Caro*, por José Duarte Machado Ferraz (Lx.<sup>a</sup>, Imprensa Nacional, 1850). Quase sobre esta edição surgiu outra, com tradução em verso, em dois volumes (Lx.<sup>a</sup>, 1.º, Tip. de Jorge Ferreira de Matos, 1851; 2.º Id., Tip. de J.F. Lopes, 1853), da autoria de António José de Lima Leitão. Deu-se o caso de José Duarte Machado Ferraz (magistrado, por vezes confundido com seu sobrinho, José Joaquim Machado Ferraz, Conde de Santa Luzia) ter ficado agastado com o aparecimento da tradução de Lima Leitão, pelo que, oculto no pseudónimo *Um Transtagano*, tirou vindicta num opúsculo de 33 críticas páginas: *Observações Crítico-Analíticas sobre duas Traduções do Poema de Lucrécio 'Da Natureza das Cousas'* (Lx.<sup>a</sup>, Tip. de José Baptista Morando, 1852).

A derradeira tradução oitocentista julgamos ser a devida a Agostinho de Mendonça Falcão, *Livros de [...] Poeta Romano sobre a Natureza. Vertidos em verso solto*. O poema foi inserido nos volumes 31.º e 34.º (1884-1887) da revista coimbrã *O Instituto*, tendo sido feita uma edição autónoma (Coimbra, Imprensa da Universidade, 1890). Todas estas edições existem na Biblioteca Nacional, de cujo catálogo só volta a constar uma outra tradução (antológica e

---

\* Pensador e escritor português (n. 1939), amigo pessoal de Agostinho da Silva e seu conviva no grupo da «Filosofia Portuguesa», desde 1970. Membro da Academia Portuguesa da História, da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, e do Instituto Luso-Brasileiro de Filosofia. É autor de vastíssima obra, dentre a qual *História da Filosofia Portuguesa*, 3 vols. (Lisboa, Guimarães Editores); *Entre Filosofia e Teologia* (Lisboa, Fundação Lusíada); *Dicionário de Filosofia Portuguesa* (Lisboa, D. Quixote) e *A Escola Portuense* (Porto, Caixotim).

parcial). *Da Natureza. Antologia* (Vila Nova de Famalicão, Tip. Minerva, 1947, opúsculo de 19 p.), da evidente autoria de Agostinho da Silva.

Nesta época, depois de ter iniciado uma intensa e periódica actividade editorial, no escritório da Editorial Inquérito, do seu amigo Eduardo Salgueiro, que o alojou provisória e gratuitamente, enquanto não criava melhores condições, Agostinho da Silva já arranjava casa, na Rua Dr. António Martins, 24-2.º, numa zona fronteiriça ao actual Instituto Português de Oncologia, transversal à Rua Basílio Teles.

Agostinho trabalhava a tempo inteiro, ainda hoje causando a admiração de quem aborda as suas múltiplas edições. Até ao ano em que emigrou para o Brasil, manteve ele, com espantosa regularidade, duas grandes colecções: *Cadernos de Informação Cultural*, opúsculos também impressos em Vila Nova de Famalicão, e nos quais deu asas a um saber enciclopédico, divulgando os mais variados problemas e temas, das abelhas aos caminhos de ferro, da zoologia, da geografia, da botânica, da mecânica...; e a série quinzenal intitulada *Antologia. Introdução aos Grandes Autores*. Tal *Antologia* terá atingido no mínimo dez séries publicadas, não nos sendo agora possível confirmar se chegou a publicar a já anunciada 10.ª série. Cada série integra seis títulos, contemplando textos filosóficos, poéticos, romanescos, geográficos, históricos etc. Em cada opúsculo, Agostinho apresenta uma antologia de textos do escritor escolhido, antologia essa apresentada por um breve prólogo biobibliográfico, com tópicos de leitura. Só para citar filósofos, nesta *Antologia* se leram trechos de Voltaire, Teresa de Ávila, Ganivet, Erasmo, Guinot, Condorcet, Marco Aurélio, Bacon, Platão, Tomás More... A causa de todos estes trabalhos estar atribuído ao grande pensador, é o facto de, na contracapa de cada caderno, se informar que se tratava de uma edição do Organizador, Agostinho da Silva (com o endereço), sendo distribuída pela Agência Editorial Organizações (Largo Trindade Coelho, 9-2.º, Lisboa), propriedade da família Homem Christo.

A série 9.ª, destinada a textos de Rodó, Shakespeare, Tolentino, Emerson e Machado de Assis, integrou por fim uma Antologia do poema *Da Natureza*, de Lucrecio (Tip. Minerva, V. N. Famalicão, 1947), opúsculo de 19 pp., as três primeiras contendo o prólogo de apresentação e, as restantes, parte do Livro Primeiro do poema de Lucrecio. Convém ter em mente que Agostinho da Silva visava a um público vasto e heterogéneo, talvez mesmo pouco culto, – estes *Cadernos* vinham a constituir como que uma Campanha de Educação Popular – todavia, não deixava de fora as rubricas analíticas que lhe pareciam úteis. Numa delas, afirma: «Não é pelas suas ideias que Lucrecio é um grande poeta: um grande poeta apesar das suas ideias; grande poeta como

autor, pelas qualidades de imaginação, de arquitectura e linguagem, e grande poeta como homem, porque flamejam dentro dele os fogos da verdade, da justiça e do amor» (*loc. cit.*, pp. 4-5).

Obra maior e sem dúvida modelar veio mais tarde, já no Brasil, e que julgamos pouco terá corrido em Portugal, onde era distribuída pela casa Livros do Brasil (Calçada dos Caetanos, Lisboa). Há mais de quarenta anos que, num alfarrabista, adquirimos um exemplar, como novo: Biblioteca dos Séculos/*Tito Lucrécio Caro/Da Natureza/Prefácio*, Tradução e Notas de/Agostinho da Silva/Estudos Introdutórios de/E. Joyau e G. Ribbeck/vinheta/Editora Globo/Rio de Janeiro-Porto Alegre-São Paulo. No verso: Título do Original latino: *De Natura Rerum* / 1962.

Trata-se de um volume de 220x155 mm, de XXIV+237 p., contendo: o Prefácio de Agostinho da Silva (pp. IX-XXIV), uma Introdução a Epicuro, com respectiva Antologia segundo E. Joyau (pp. 3-33), um ensaio nobre sobre Lucrécio por G. Ribbeck (pp. 35-48), uma Bibliografia (p. 51), o texto do poema de Lucrécio (pp. 55-207), na versão de Agostinho da Silva que, no final, apresenta as Notas ao texto (pp. 211-231), riquíssimas de subtileza exegética e de grande erudição filológica e filosófica, e, por fim (pp. 235-238), um Glossário de Nomes Próprios.

Teve o cuidado de informar quais as edições de que se servia – a de A. Ernont, e as de Lachmann e de H. A. J. Munro –, muito conhecidas dos especialistas em Estudos Clássicos, como o Padre Manuel Antunes, S. J., que, não obstante, na entrada «Lucrécio Caro» (*Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura Verbo*, vol. 12, cols. 633-636), omitiu qualquer referência à tradução erudita e prestigiada de Agostinho da Silva, decerto porque dela não houve conhecimento. O mesmo acontece no artigo que Pedro Silva Pereira assinou na *Enciclopédia Logos* (vol. 3, col. 508). Foi objectivo do tradutor a fidelidade ao texto latino, pelo que optou pela versão em prosa, ou, como diz, mantendo o jeito mais filosófico do que poético do texto latino.

A primitiva tradução de 1947 era parcial, não mais extensa do que cerca de metade do Livro I. Embora esta tradução integral e definitiva só aparecesse em 1962, Agostinho da Silva data o Prefácio de junho de 1944, o que nos permite conjecturar que, ainda antes de emigrar, ele previa editar a obra na íntegra. Aliás, com ligeiras variantes, para aperfeiçoar o estilo, e para melhor conceptualização (o termo *corpo material* é substituído, nesta edição brasileira, por *corpo visível*), o texto da versão do Livro I é quase, palavra a palavra, o da edição analógica. O prefácio à edição é de muito boa qualidade, equilibrado, sensível do ponto de vista estético, ordenado a uma interpreta-

ção ontocosmológica e a uma reposição da ética epicurista. Aliás, Agostinho divulgara o pensamento epicurista no ensaio *O Pensamento de Epicuro* (1940, 2.<sup>a</sup> ed., 1943) e, neste prólogo, faz um exercício de reflexão da ética epicurista dentro dela mesma, para a explicar como uma filosofia construída para que, por meio dela, se possa alcançar a felicidade. Agostinho rejeita o epicurismo vulgar e mesmo dissoluto, produto de vistas superficiais e de real covardia moral. E diz: «O epicurismo é uma ascese, que pretende deixar o espírito o mais livre, o mais despojado, o mais puro possível para a apreensão dos prazeres que são os únicos que vale a pena buscar: o prazer da leitura, da contemplação da ordem do mundo [...] o sentimento da fraternidade que une os homens livres» (p. XVII). Este ideal de pensamento vestindo a vida é o escopo do poema de Lucrecio, um poema sobre a Natureza visível, que supõe a invisível, quer dizer, o mundo acessível ao conhecimento estesíaco, sem recusa do que para além dele flua. O prazer da contemplação do mundo, uma perifísica esculpida por um altíssimo poeta, procurador da diligência contra a preguiça, e da vida meditada contra a vida dissoluta e recriada em belo português por um notável escritor.

## Nota

1 F. de Figueiredo, *Estudos de Literatura. Quarta Série (1921-1922)*, Lx.<sup>a</sup>, Portugal, 1924, pp. 233-245.

## Resumo

Realizando, inicialmente, um breve, não obstante completo, histórico das traduções portuguesas da obra *De Natura Rerum*, de Tito Lucrecio Caro, este artigo é um comentário à erudita e prestigiada translação que Agostinho da Silva fez da mesma obra e que chegou aos leitores por meio de duas publicações. A primeira, estampada em 1947, em Portugal, na Coleção *Antologia: Introdução aos grandes autores*; a segunda, vinda a lume em 1962, quando o autor, depois do período argentino e uruguaio, já se encontrava radicado no Brasil.

**Palavras-chave:** Agostinho da Silva; Tito Lucrecio Caro; *De Natura Rerum*; Epicurismo; *Cadernos de divulgação cultural*.

## Abstract

After a brief yet complete historic report of the Portuguese translations of *De Natura Rerum* (On The Nature Of Things), by Titus Lucretius Carus, this article comments on the erudite and prestigious translation of that work by Agostinho da Silva to which rea-

ders had access via two publications. The first one was printed in 1947 in Portugal in the series *Antologia: Introdução aos grandes autores* (Anthology: Introduction to the great authors); the second one was published in 1962, when the author, after being shortly in Argentina and Uruguay, was already radicated in Brazil.

**Keywords:** Agostinho da Silva; Titus Lucretius Carus; *De Natura Rerum*; Epicurism; *Cadernos de divulgação cultural* (Booklets of Cultural Diffusion).